

Severino
do Carmo

Ana Paula
Lima

Zaldo Mendes

A presidente Conceição Lima dá posse aos

Novos Imortais



A VOZ DA ACADEMIA PESQUEIRENSE DE LETRAS E ARTES | JUNHO 2025

Em Destaque

Museu Virtual



A visita de Jânio
Quadros a Pesqueira

Membros da APLA
imortalizam em
letras e poesias
os nossos festejos
juninos.

DIRETORIA DA APLA

Presidente: Conceição alves
Vice presidente: Gera Santana
Sec. Geral: Andréa Galvão
2ª Secretária: Galba Macedo
Tesoureira: Maria José Gomes

2ª Tesoureira: Maria Rita Freitas Albuquerque
Diretor de Patrimônio: Nilo Moraes
Diretora de Biblioteca e Arquivo: Andréa Galvão
Conselho Fiscal: Carlos Galindo,
Eduardo Gonçalves, Paulo Muniz





por

**CONCEIÇÃO
ALVES**

É Festa de São João

A festa de São João teve origem na Idade Média, onde a Igreja Católica começou a substituir os rituais para deuses pagãos por festas dedicadas aos santos.

Segundo a bíblia, São João era João Batista, um dos 13 apóstolos de Jesus Cristo e foi quem o batizou. Jesus e João teriam sido parentes, já que suas mães, Maria (mãe de Jesus) e Isabel (de João Batista) eram primas. João Batista era só seis meses mais velho que Jesus, e, de acordo com historiadores, ele teria se tornado um profeta que anunciou Cristo como "Cordeiro de Deus" e é conhecido na religião católica como o precursor de Jesus Cristo.

A tradicional fogueira de São João geralmente é acesa do dia 23 para o dia 24, como o sinal da luz que João Batista pregava na sua história. Além disso, Isabel teria feito uma fogueira para anunciar a Maria (que ela veria de longe), sua gravidez e que estava





necessitando de ajuda.

O fim da vida de João Batista foi trágico. Ele foi preso a mando de Herodes Antipas, espécie de administrador da região. Salomé, filha de Herodes, posteriormente pediu que João Batista fosse decapitado e que sua cabeça fosse levada até ela em um prato. A morte do futuro São João teria acontecido em 29 de agosto do ano 29.

A festa de São João, então, ganhou corpo dentro da Igreja Católica. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, a partir de 1500, trouxeram, além das tradições católicas, as festividades religiosas.

Na cultura popular brasileira, as festas juninas possuem um lugar especial, pois além de valorizarem a cultura do país, também revelam muitos elementos históricos que às vezes passam despercebidos.

Quando chegou ao Brasil,

a tradicional celebração se chamava "festa joanina", em referência ao próprio São João. Após alguns anos, o nome foi alterado devido ao mês em que ocorre, no caso junho.

As festividades ocorrem no Brasil com danças típicas como a quadrilha (de origem portuguesa) e o forró, sobretudo no nordeste brasileiro, além das comidas feitas de milho que se cultiva, justamente nessa época quando há um bom inverno. A canjica, a pamonha, o bolo de milho, o mungunzá, o milho cozido e assado são as principais iguarias encontradas durante o mês de junho. As festas juninas são bem emblemáticas porque trazem essa alegria da devoção e a colheita que é vida.

Costuma-se também soltar fogos em comemoração ao nascimento de São João Batista, além das fogueiras que são acesas nas frentes das casas do interior.

Além de São João

festejado em 24 de junho, também os santos populares são festejados este mês: Santo Antônio, o casamenteiro no dia 13 e São Pedro, o chaveiro do céu, no dia 29.

Na outrora Pesqueira, os festejos juninos iniciavam três meses antes com os ensaios de quadrilhas que ocorriam em palhoças, nos bairros da cidade, a exemplo do bairro do Prado, Xucurus e São Sebastião (os mais animados). Os próprios moradores de cada rua encarregavam-se da ornamentação das barracas e comidas típicas e no dia 23 para 24 de junho, os grupos se apresentavam e concorriam aos prêmios de primeiro, segundo e terceiro lugar nas quadrilhas que se submetiam a uma comissão julgadora.

No interior de Pernambuco, era o melhor São João.





Muito mais que neoacadêmicos

Galba Macêdo

*Um brilho na cultura
pesqueirense: a posse dos
novos Acadêmicos da APLA*

No dia 31 de maio de 2025, às 19:00h, o auditório do Hotel Estação Cruzeiro, em Pesqueira, foi palco de uma noite memorável, dedicada à celebração da cultura e da literatura. A posse dos novos acadêmicos da Academia Pesqueirense de Letras e Artes – APLA, Ana Paula Lima, Elizardo Mendes da Silva e José Severino do Carmo.

A solenidade não apenas marcou a entrada desses novos membros, mas também celebrou o início de uma nova era com a posse da Diretoria para o biênio 2025-2027, além de comemorar os 24 anos de existência dessa instituição, reconhecida como a Atenas do Sertão, testemunho da

vitalidade da produção cultural na região e de promover o conhecimento e a educação.

Sob a condução do cerimonial, todos os acadêmicos entraram no auditório, iniciando-se o evento com a apresentação do Coral Walter Ramalho, da APLA, encantando os presentes e estabelecendo uma atmosfera de reverência à arte e à cultura. Em seguida, a presidente Maria da Conceição Alves de Lima abriu a sessão solene que se desenrolou com uma sequência de atos que exaltaram o valor da

APLA no fomento à literatura e às artes da região.

A cerimônia seguiu com o tradicional Hino Nacional Brasileiro, um rito que reforça o compromisso da APLA com os valores da cidadania e da coletividade. Os novos acadêmicos, Ana Paula Lima, Elizardo Mendes da Silva e José Severino do Carmo, em um momento de forte carga emocional, fizeram o juramento de posse e foram diplomados, recebendo o Medalhão representativo da Academia, um símbolo de sua responsabilidade frente aos



ideais dessa instituição.

As palavras do vice-presidente José Geraldo de Santana ressaltaram a missão de APLA com a cultura e a educação, pilares fundamentais para a formação das novas gerações. Sua fala ecoa em um momento histórico para Pesqueira, cidade marcada por um riquíssimo patrimônio cultural, cuja manutenção e promoção torna-se ainda mais necessárias em tempos de rápidas transformações sociais.

Os discursos dos novos acadêmicos trouxeram reflexões sobre o papel da arte e da literatura na sociedade contemporânea, revelando a paixão e o compromisso de cada um deles com a missão da APLA, além de menções aos respectivos patronos das cadeiras que assumiram e agradecimentos emocionados aos familiares e amigos presentes, bem como aos acadêmicos amigos que os indicaram.

Após as assinaturas no Livro de Posse, foi feita a entrega do Estatuto e Regimento da Academia pela Acadêmica Maria José Gomes





Capa

JORNAL DA
APLA

de Almeida reforçando a seriedade e a organização do trabalho a ser desenvolvido.

Encerrando a cerimônia, os convidados foram chamados a entoar o Hino da Academia, uma forma de fortalecer os laços entre os que fazem parte desse projeto cultural. Com um agradecimento especial da presidente Conceição Lima, a solenidade foi finalizada, não sem antes registrar em fotos oficiais a importância daqueles momentos ali vividos.

As festividades culminaram com um jantar no restaurante do Hotel Estação Cruzeiro, onde todos puderam se confraternizar, compartilhar boas histórias e brindar a um futuro promissor para a APLA e para a cidade que abriga os sonhos e talentos de sua gente.

Àqueles que se juntaram à APLA, nosso carinho e votos de sucesso. Que este novo ciclo seja frutífero e que a Academia continue a ser um farol de cultura, educação e amor às letras e às artes da nossa terra.



*Posse dos
novos
acadêmicos*



Revivendo as Festas Juninas de Outrora

Pág. 07



Houve um tempo em que o mês de junho iniciava-se bonito e ruidoso, com a beleza das festas simples, cheias de encanto e harmonia. Pesqueira se transformava num verdadeiro cenário de felicidade e alegria. Era quando o friozinho da serra se misturava com o cheiro doce do milho cozido, da pamonha e da canjica, e as noites se acendiam com as chamas vivas das fogueiras nas calçadas. Era o São João de antigamente – simples, vibrante, e profundamente enraizado no coração das famílias pesqueirenses.

As ruas se enchiam de bandeirolas coloridas, feitas com papel de seda recortado à mão, balançando ao vento. As crianças, com o rosto pintado de carvão ou lápis de olho, corriam entre as casas vestindo roupas de chita com babados e remendos costurados com cuidado. Os meninos usavam bigodes desenhados e chapéus de palha surrados, as meninas, tranças com fitas, sorrisos largos e olhos brilhando de expectativa.

No céu, "subiam os balões, feitos em segredo nas oficinas improvisadas dos quintais". Eram obras de arte e esperança, lançadas entre rezas e suspiros, iluminando a noite por instantes, desafiando a cortina de garoa deste céu sempre frio, úmido e bonito, antes de desaparecerem entre as estrelas. Naquela época, ninguém imaginava que um dia eles seriam proibidos. Era outro mundo, onde a alegria era partilhada e o risco parecia menor diante do calor comunitário. Festas Juninas!

A sanfona ecoava ao longe, vindo de uma casa ou de um quintal iluminado do vizinho. Tocava o forró pé de serra, xote, baião. A vizinhança se reunia ao redor da fogueira, assando milho, batendo papo, dançando até tarde. Havia cumplicidade, pertencimento. Era um tempo em que se vivia o São

João com o coração.

Hoje, essa tradição se esvai. As fogueiras quase não se acendem mais, os vizinhos se trancam em suas casas, as músicas se calam. A cidade ainda respira o São João, mas com fôlego curto, como se uma parte dela estivesse adormecida. Os balões já não voam, são proibidos de aquecer o céu, ante a irresponsabilidade das pessoas, as bandeirinhas rareiam, e as brincadeiras deram lugar ao silêncio ou a celebrações distantes, mais comerciais, menos afetivas.

O São João de outrora era lúdico, coletivo, vivo. Era a própria alma do povo celebrando a colheita, a fé e a alegria de estar junto. Talvez ainda haja tempo de reacender essa chama – não a da fogueira apenas, mas a do espírito que unia gerações em torno de uma tradição que nunca deveria desaparecer.

Ju Gomes



Festa de São João

Festividade, alegria, animação.

Espocar de fogos e quentura das fogueiras.

Susto do rojão e dos fogos de artifícios.

Tradição popular

Animação Nordestina.

Dedicção ao Santo, que batizou Jesus,

Enquanto Profeta do Novo Testamento.

Saudade de outros tempos, de

Amigos, que não existem mais.

Oração, rezas e benditos.

Jovens se abraçando no quintal

Onde a terra batida levanta

Abrasa o coração e a emoção

Orgulho de ser festeiro, nordestino e
devoto de São João!

por
**Zuleide Maria
Siqueira Calado**



Forró do Zé Crispim

**O Forró de Zé Crispim
Todo sabo é animado
Matutada vai pra lá
E ninguém fica parado
Na Serra do Imbuá
Tem forró qualificado**

**Fortunato na sanfona
Na zabumba Catatá
No triango Pé de Quengo
No melê Luizzin Preá
No ganzá Toin de Nila
No cavaquim Caruá**

**Tem Chiquim e Jô de Olina
No trombone e rabecão
Fazendo total sucesso
Lá no mêi da multidão
Tocando maxixe e polca
Na maió animação**

**E a cabrueira enfezada
Na festança balançando
No foiguêdo, tão animada
Qui no piso abre um rachão
Da latada e chão batido
Sobe a poeira do chão**

**Dança Cirino com Odília
Chimboca cum Zeferina
Zé de Elza com Honorina
Sileno com Assunção
Argimiro e Ludugera
Só querem xote e baião**

**Lá também dança a Cecília
Licota e Zé Jacaré
Kaytia de Bozó, Luquinha
Ciço Arcanjo e Toté
E Zabé, fia carola
De Luzeide e Rafaé**

**Inté dotô Sizenando
Delegado de Magé
Ficou todo assanhado
Com aquele labacé
Entrando na forrozança
Foi a maió conxambrança
Com Riqueta de Zabé**

**Tem do lado da latada
Tira gosto e coquitê
Na banca de Vó Quirina
Manguaça boa e mé
Celveja esfria no pote
Enquanto chega as muié**

**Inda tem os violeiros
Traçando a improvisação
Cantadores na embolada
Abriantando a função
Banda de pife afinada
Pra alegrar o coração**

**Purtanto, vamo depressa
Pois todo sabo é assim
Tem furdunço e rega-bofe
E o povo fica doidin
No mió frega do mundo
Qui é o Forró do Zé Crispim...**



São João: Tradição que acende a Alma Nordestina

Por José Severino do Carmo

No mês de junho, o Nordeste brasileiro se veste de festa, cores e memória. Em Pesqueira, como em tantas outras cidades do interior, as noites ganham o calor das fogueiras e a alegria das danças, num tributo que vai além da devoção aos santos: é celebração da cultura, da colheita, da vida em comunidade.

A origem das festas juninas remonta à Europa medieval, com celebrações cristianizadas ao longo dos séculos. No Brasil, o São João ganhou sotaque nordestino, sabor de milho e som de sanfona. Aqui, a festa floresceu como expressão da identidade de um povo resiliente, que, apesar das secas e dos desafios, encontra motivos para celebrar.

Entre os símbolos mais marcantes está a **fogueira**, acesa em homenagem a São João Batista. Diz a tradição que Isabel, mãe do santo, teria acendido uma fogueira no alto de um monte para avisar Maria do nascimento de seu filho. Assim, cada fogueira é uma luz de fé e de reencontro, um elo entre o céu e a terra.

Embora cada região do país celebre o São João à sua maneira, por aqui a celebração se dá de forma comunitária e espontânea, com mesas fartas reunindo famílias e vizinhos, onde cada um contribui com quitutes típicos como pamonha, canjica, milho



cozido e bolo de milho. É uma partilha viva, que acontece no calor dos encontros e no espírito generoso da festa, sem a formalidade de presentes prontos.

Outro elemento fascinante da festa é o **balão junino**, símbolo de pedido e agradecimento. Apesar das restrições atuais por questões de segurança, o balão permanece no imaginário coletivo como uma prece que sobe ao céu, levando os sonhos do povo nordestino às alturas.

E o que seria do São João sem música? O **forró** é a alma sonora da festa. De raízes africanas, indígenas e europeias, o ritmo foi consagrado por nomes como Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. O **baião**, com seu compasso marcante, embala os casais nas quadrilhas e embriaga de alegria os salões enfeitados com

bandeirolas. Já o **xaxado**, nascido nos tempos de cangaço, marca com seu sapateado seco o orgulho sertanejo, a resistência cultural e o pulsar do sertão.

Dançar quadrilha, comer pamonha, vestir camisa xadrez e chapéu de palha pode parecer folclore, mas é, acima de tudo, um ato de pertencimento. É reafirmar a força de nossas raízes, a beleza de nossa simplicidade, a grandeza do que somos como povo.

Celebrar o São João é manter viva a chama de uma herança que ilumina o presente e aquece as esperanças do futuro. Que as fogueiras deste junho reaqueçam não só as ruas, mas os corações das pessoas. E em cada um de nós o amor pela nossa cultura e a alegria de estarmos sempre juntos.

VIVA O SÃO JOÃO!!!



Santos populares de Junho

**Zuleide Maria
Siqueira Calado**

Começa o mês de junho, e as homenagens aos santos populares têm início com Santo Antônio, conhecido como o Santo Casamenteiro — o qual, até de cabeça pra baixo no poço ou noutro espaço, sofre com os apelos das solteironas.

Depois vem São João do Carneirinho, primo de Jesus, homenageado com fogueiras, fogos e balões, acende o coração de todos, em especial dos apaixonados.

São Pedro e São Paulo fecham o ciclo junino. Um foi o pescador simples, que, escolhido pelo Senhor, conduziu multidões e a Igreja no início de sua caminhada.



O outro, Saulo, perseguidor dos cristãos, tornou-se depois Paulo, o grande propagador do Evangelho, que formou as primeiras comunidades onde todos vivenciavam as três grandes virtudes teológicas: fé, esperança e caridade. A caridade — o bem maior, o amor!





Esperança

Carlos Alberto Galindo

*Quando tudo parece ceder,
a corda ameaçar romper-se,
ainda há uma estaca, sustenta,
e um magnífico fio, resiste.*

*Fé disfarçada de andorinhas
espreitam as bordas do coração,
chegam ao ouvido e sussurram:
"Segue, persiste."*

*Quando o mundo parece ruir
ou um vazio ameaça expandir-se,
ainda resta um brilho – lanterna-
guiando entre o breu noturno.*

*Inalcançável estrela brilhante,
não te ausentes do céu,
sem ti,
estaremos todos perdidos.*

*O que torna o deserto sublime
é a certeza da presença do oásis.
Esperança, força invisível,
dá-nos de beber até chegarmos à
borda da fonte.*



A Cultura Popular

Sheila Mayara

Por séculos a Cultura foi pensada referindo-se constantemente às melhores produções de um tempo, assim tornava-se única. A Era Moderna caracteriza, esta como universal, tratando-a como uma variedade de ideologias resultante da formação de diferentes grupos sociais e como estes costumavam exteriorizar seus pensamentos. Intelectuais da Alemanha no século XVIII definiram Cultura como um conjunto de saberes superiores ao resto da humanidade e passaram a escrever tal termo com letra inicial maiúscula para deixar claro seu grau elevado de importância para tal sociedade.

A partir de tal definição a palavra Cultura passou a ser o critério para diferenciação entre classes. Faziam parte da Alta Cultura aqueles indivíduos esclarecidos, letrados, que tinham recebido a boa educação de uma época, atingiram o nível erudito e adquiriam o poder para explorar e dominar os sujeitos que ocupavam a Baixa Cultura, ou seja, indivíduos discriminados pela falta de conhecimento. As classes sociais baixas passaram a ter suas culturas excluídas e marginalizadas.

Os grupos sociais com níveis econômicos inferiores aos requeridos pela sociedade recebem o termo “popular” para definí-los como classes baixas, sem notoriedade.

A Constituição Brasileira, promulgada no dia 05 de outubro de 1988, traz no seu Artigo 215, Inciso 1º, o seguinte: “O estado



protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”.

Observamos que a Constituição Cidadã institucionaliza os grupos sociais com histórico de exclusão perante a sociedade brasileira, remetendo-os a incapacidade da concepção de um material cultural superior, pois no Brasil índios e negros são discriminados com grande frequência nas mais diversas regiões.

Definindo a Cultura Popular de uma maneira mais ampla, temos um conjunto de obras feitas pelo povo para ser consumida por este, pois recebe a apreciação de multidões, sendo avaliada por muitos estudiosos como uma maneira de resistência aos interesses das elites capitalistas.

Por ser um elemento que

vem do povo, a Cultura Popular envolve sentidos de valores, ideais, conceitos de homogeneização e várias disputas teóricas. Simbolicamente é autônoma, expressa as diferenças e constrói identidades. É um instrumento com propósito de enfatizar as diferenças do cotidiano, ou na área da educação, analisa as múltiplas faces da sala de aula.

O conhecimento da Cultura Popular envolve um sistema não oficial de manifestações espontâneas, que são construídas e reconstruídas dia após dia por uma comunidade diversificada e de caráter heterogêneo. Um sistema composto por símbolos criados por um povo para facilitar a organização do pensamento destes, em relação a suas verdades e sua identidade.



Flávio J Jardim

Ode ao Arraiá no Monte da Graça

 Monte da Graça, em Pesqueira, será palco de um dos momentos mais aguardados do calendário cultural e religioso do município: o Arraiá no Monte, que acontecerá no dia 5 de julho de 2025, a partir das 18h. O evento promete reunir famílias em torno da fé e da tradição nordestina, com uma programação que une espiritualidade, cultura e confraternização.

A abertura oficial se dará com a Santa Missa pelas famílias, às 18h30, celebrada pelo padre Edson Rodrigues. Será um momento de oração, bênçãos e renovação espiritual, em meio ao cenário sagrado do santuário. A celebração busca unir os corações em um só louvor, preparando o espírito para uma noite de festa.

Logo após, o clima se transforma: quermesse, comidas típicas, bingo e forró família aquecerão o ambiente. A fogueira será acesa como símbolo da tradição junina, resgatando os

ritos populares que atravessam gerações. O Monte da Graça se transforma, por uma noite, em altar e arraial.

Entre as atrações musicais confirmadas estão Beatriz Benoni e Eduardo Melo, nomes queridos pelo público local, que prometem uma apresentação animada e cheia de identidade cultural. O palco será o céu estrelado do Agreste, iluminado pelas chamas da fé e da festa.

O evento é organizado com carinho para ser familiar e acolhedor. A ideia é unir todas as gerações em um só espaço de celebração: das crianças ao vovô, todos encontrarão algo que aqueça o coração. A estrutura contará com segurança, barracas típicas e apoio

litúrgico.

“Mais que um evento, o Arraiá no Monte é um convite à vivência comunitária, à preservação das raízes culturais e ao exercício da espiritualidade em forma de festa. Um momento para lembrar que o São João, além de forró, é também fé, memória e pertencimento”, disse o administrador do Santuário, João da Bomboniere.





Alquimia e a intensa insistência em transformar metais comuns em ouro

Por Duda Gonçalves

Os alquimistas existiram por milhares de anos até o final do século XIX, eles combinavam o que atualmente é chamado de “ciência” primitiva com a visão mágica, mística, mítica e religiosa do mundo. Centrados no descobrimento da “pedra filosofal”, sonhavam em transmutar os metais comuns em ouro, ou elaborar elixires para estender o tempo de vida humana ou até chegar à imortalidade. Entre os alquimistas mais famosos destacam-se Francis Bacon, Paracelso e Isaac Newton.

Os antigos artesões egípcios de datas de sete mil anos manufaturaram joias de ouro e prata, sendo esses como a origem dos alquimistas. No ano 322 a.c. Alexandre o

Grande conquistou o Egito e o incorporou à Grécia a arte da alquimia de manipular os metais. Contudo, os alquimistas orientais tinham mais interesse na alquimia terapêutica, na China de 2500 anos a preocupação era encontrar o elixir da juventude eterna. Mas na Índia o objetivo era bem mais modesto: encontrar um remédio para curar todas as doenças.

No século VII, os países árabes absorviam o conhecimento escrito no mundo onde o persa Jabir ibn Hayyan (latinizado Geber) usando deste transformou a então alquimia no começo do que hoje chamamos de química, atualmente uma ciência. Em sua obra, Geber fez a fusão da busca pela “pedra filosofal” com o elixir da juventude eterna, sendo traduzido para o latim e posteriormente servindo como

referência para os alquimistas europeus. No século XVI um médico chamado Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, que para nossa sorte, que se auto intitulou de Paracelso. De origem suíça germânica praticou a alquimia para tentar chegar no elixir da longa vida. Ele introduziu na terapêutica substâncias químicas como o enxofre, mercúrio e sal bem como minerais, em uma época que só se utilizava compostos vegetais.

“Muitos diziam que a alquimia é a arte de elaborar ouro e prata. Para mim esse não é o objetivo; o importante é considerar as virtudes e qualidades ocultas dos medicamentos.” Paracelso (Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim).





**Francisco
Aquino**

Bênçãos de Amigos

Deus, em sua infinita bondade de Pai acolhedor e protetor, colocou no mundo seres semelhantes, por parentesco ou afinidade.

Assim nasceram as amizades contagiantes e abençoadas, que tornam a vida mais leve e prazerosa.

Uma amizade verdadeira é o ouro da vida, rumo à realização plena. Por isso, bênçãos e louvores aos amigos — figuras essenciais na condução da existência. Louvados sejam os grandes amigos, que completam nossa razão de viver.

Que os caminhos das amizades sejam felizes e leves, para que continuem ajudando outros e os tornando felizes.

Salvemos, com louvores, as amizades que, com suas palavras e companheirismo, tornam a vida prazerosa, ajudando-nos a vencer obstáculos e a trilhar caminhos vitoriosos, rumo a conquistas memoráveis e à plena realização humana.





Voz

A voz de um anjo me habita,
Não ordena, não grita,
Sussurra no intervalo das horas,
Onde o tempo hesita seguir.

É bússola sem mapa,
Fio invisível que me alinha,
Murmúrio que insiste verdades
Quando eu escolho silenciar.

Se a escuto, encontro caminho;
Quando a nego, me perco de mim.

Pois há vozes que vêm do mundo,
Mas esta – esta vem de dentro –
Vem do coração.

Carlos Galindo





Galba Macêdo

"Quando o São João morava em Pesqueira"

Era no compasso da sanfona de "Zeca da Sanfona" que Pesqueira despertava para o mês de junho. As ruas se enfeitavam com bandeirolas coloridas e o cheiro de milho assado se misturava ao aroma doce do pé de moleque, preparado com esmero pelas mãos habilidosas das doceiras locais.

Na Praça Dom José Lopes, o palhoção se tornava o coração pulsante da cidade. Ali, as quadrilhas apresentavam seus espetáculos e suas Rainhas do Milho apresentavam-se num

concurso memorável, enquanto os casais, vestidos com trajes típicos, dançavam ao som do forró pé de serra, celebrando a cultura que corria em suas veias.

As fogueiras, acesas em cada esquina, iluminavam os rostos sorridentes das crianças que corriam ao redor, enquanto os mais velhos contavam histórias de festas passadas e de tempos em que a cidade inteira se unia para celebrar São João.

Hoje, ao caminhar pelas mesmas ruas, o silêncio é o que

mais se ouve. As bandeirolas já não dançam com o vento e o coreto já não mais existe. Os pássaros revoam de uma árvore para a outra como se aguardassem o retorno de uma alegria que parece ter se perdido no tempo.

Mas, mesmo na ausência, a memória dessas festas permanece viva, aquecendo o coração de quem teve o privilégio de vivê-las. É nessa lembrança que encontramos a esperança de que, um dia, o São João volte a morar em Pesqueira.



Festa que arrasta povão

O arrasta pé está no ar
com o povo a brincar
encantando para ficar
orgulhando o ser sofrido
com o seu lindo cantar.

O nordestino se reveste
de esperança e alegria
com boa comida típica
pra festejar o São João
música boa e arrasta pé.
muita dança e rojão.

É o forró em ação
com o nordestino e seu torrão.
o Nordeste se enfeita
para encantar no São João
fogueira acesa, milho assado,
vendo a chama da paixão.

É o ciclo junino
rico em vibração
com bandeiras enfeitando
até mesmo o coração
e o sertanejo contando a sua adivinhação.

O casamento matuto
fazendo o bairro vibrar
com muito forró e quentão
para o povão esquentar
Santo Antônio casamenteiro,
com São Pedro e São João.

São os festejos juninos
bonito de se ver
os santos festejados
com alegria e prazer
cantado em versos e prosa,
a grande manifestação.



**Francisco
Aquino**



Acalanto

Sou o pescador do riacho, eu sou a flor
que abre a porteira dos caminhos pro sertão
Sou agrestina, sou dengosa, sou faceira
Eu sou Pesqueira, sou poesia e canção

Minha cidade é abraçada pela serra
O Ororubá é quem encanta o meu olhar
nela eu me deito, me deleito, me embalo
Esse seu cheiro e aconchego faz sonhar

Dos Xucurus eu tenho o sangue emaranhado
Danço o Toré, do doce e renda tenho herança
no sítio Guarda a Maria peço graças
Em sua história sou laçada feito trança.

O sol a pino, toca o sino, pé no chão
Na procissão da padroeira, uma certeza
Sua cultura em minha mente tem raiz
Neste seu chão é onde está minha riqueza

Pote sem água, terra seca, poeira solta
a fé não morre, me sacode a esperança
Se neste mundo de meu Deus vivo a penar
Mas nos seus braços sempre volto a ser criança

Em suas ruas há pegadas da minha vida
Rastros que marcam minha infância e mocidade
Quero em sua relva ter meu último agasalho
Pra não chorar onde estiver, sua saudade

15/04/1999

Margarida Maciel



PESQUEIRITUDE

Insígnia Pesqueirense — Aconteceu naquele dia 20 de abril de 1980, à época da comemoração secular da ascensão de Pesqueira à categoria de sede municipal. Anteriormente, das 20h às 22h de todo 06 de fevereiro daquele período, na "Casa Palácio" (lugar onde se fixa o governo municipal), na presença de prestigiadas pessoas do município — o governante, o vice-governante, os membros da Câmara Municipal e demais pessoas célebres —, foram expostas, com pormenores, as explicações fundamentadas em um conjunto de quatro normas:

- I. Narração de fatos históricos;
- II. Transmissão de valores e memórias;
- III. Ciência dos brasões e atividade criativa;
- IV. Prosseguimento da insígnia familiar pesqueirense — insígnia de nobreza, marca, símbolo, distintivo do município e insígnia de ordem honorífica.



TROVA



TROVA

***Mas a fogueira
acendeu,
E soltaram o balão.
Quando o fogo
apareceu,
Gritou-se: é São João.***

Maria Rita Freitas de
Albuquerque



Viajando nos balões

Maria José Torres Klimsa

No cosmo somem
Noite cheirando a fogo
em tochas a imaginação
Balões fascinam o universo infantil
acendem a fantasia adulta
Floresta de estrelas
beijos de luz
se movem lentos
acelerando instantes
de beijos opacos
Fio de encanto
me puxa o olhar
perdido no infinito
a curiosidade azulando
transcende
para além de minúsculos pontos

Dentro de mim
só desejos
de ir junto
dentro
e encolhida no transparente espaço
amparar a luz
que não se apague
proteger a lâmina de seda
que não se rasgue
mas conserve o translúcido de suas nesgas
Vontade de acariciar as estrelas
qual o segredo do seu brilho?
sua origem?

Balões parecem fixos
quanto mais altos
Eu, mais baixa
mais móvel nos meus sentimentos
Eles, menores se distantes
Eu, maior nos meus apegos
mais próxima de mim
fixa à terra
m o v e d i ç a

(Klimsa, Maria José Torres.
Vitrais da Palavra. Recife: Libertas, 2014)



Duas ruas... Um amor

As verdes figueiras serviam de sombra,
de esconderijo para as brincadeiras,
para encostar a cabeça, de olhos fechados.
Contar pra descobrir as amigas arteiras,
mas que bons que as minhas duas ruas
não ficavam inclinadas em nenhuma ladeira.

Margarida Maciel

Na verdade são duas, minhas ruas queridas
da memória infantil tornaram-se Imortais.
Ora molecando na "Caxias" da frente,
Ora perturbando na "Barão" de trás.
Ambas relembram extasiantes histórias
que da minha vida, o tempo não desfaz.

Na "Caxias", de largas calçadas, lojas e cinema
as noites de contos, de roda, encantando estrelas,
nos cartazes de filmes, anteviam-se as cenas
de faroeste, vampiro, amor... posso vê-las...
Da Catedral, do imponente Palácio, da praça,
Tantas emoções, é difícil contê-las.

No final da minha casa, abrindo o portão
a "Barão" graciosa das meninas festeiras,
academia, casinha, bonecas e queimado,
a turminha sempre unida nas "tardes
fagueiras"
que de tão felizes e de tantas risadas
os dias e as horas passavam ligeiras.

E continuo aqui na "Rua da Frente"
não tem mais portão para a "Rua de Trás"
A "Caxias" e a "Barão" para mim são fusão
Separa-las não posso, são lindos sonhos iguais
Tempos de moleca, aborrecente e agora madura
minha(s) rua(s) são sois, são luas que não
cessarão jamais.

21/07/2020



Memórias Juninas

Ana Paula Lima

"São João dormiu, São Pedro acordou... Vamos ser comadre, que São João mandou! Adeus, comadre!" — era assim que começavam as noites frias de junho no sítio Marinbas, onde o vento soprava cheirando a lenha queimada, milho verde e infância feliz. Noites aquecidas não só pelas labaredas da fogueira, mas pelo calor da tradição, da fé e da alegria simples de festejar os santos juninos como quem celebra a própria vida.

Ah, o mês de junho... ele não apenas chegava, ele era esperado. Era como uma visita boa que vinha trazendo cor, sabor e alegria. Na lembrança mais viva que guardo, vejo a roça de milho crescendo verdinha no aceiro do terreiro, bonita de ver e cheia de promessa de uma boa colheita. O cheiro do milho maduro sendo moído na velha máquina de moer carne ainda me chega de vez em quando, do nada, como um vento doce. Naquele tempo, tudo que fosse preciso moer, era nela mesmo. E era um orgulho danado ver aquela "tecnologia" funcionando na cozinha da minha vó, só tinha

um problema, a fila de tias aguardando a sua vez de moer o seu milho.

Do outro lado da casa, minha mãe sentava-se na máquina de costura com a paciência de quem sabe que tradição se faz com mãos e cuidado. Costurava as palhas uma a uma, preparando com zelo o que ia virar pamonha — e que pamonha! Uma receita daquelas que dava gosto só de pensar: a massa de milho misturada com queijo coalho conservado na salmoura e manteiga de garrafa feita pela vó Cecilia, era de se comer rezando.

Na cozinha grande, um caldeirão era posto no fogo de carvão, enquanto a canjica ia fervendo ligeiro, no fogo de lenha, espalhando um cheiro doce que abraçava a casa toda.

Todo mundo esperava a canjica da vó como se fosse tesouro — e, de certo modo, era. A janta posta na mesa centenária de madeira maciça, era rodeada por quem chegava primeiro à mesa de dose lugares, respeitando o lugar do patriarca da família, seu Zé Barbosa, um avô que marcou a geração da época.

A véspera do São João era dia de matar um porco. A carne era assada devagar na brasa da fogueira feita com lenha de baraúna, que era considerada a melhor: queimava bonito, sem fazer muita fumaça, e deixava a carne com um sabor especial, que até hoje ninguém conseguiu repetir.





Mas a grande protagonista da festa era ela: a fogueira. A de Santo Antônio tinha seus encantos próprios. Dizia-se que, se as brasas jogadas no prato cheio de água se unissem, o amor desejado também se juntaria. Era uma emoção danada ver aquilo acontecer, mas ninguém podia contar — adivinhação de fogueira era segredo guardado no peito. Na noite da fogueira de São João, firmava-se comadre e compadre de fogueira: um ritual cheio de fé, selado com uma rima simples, com um tição tirado do braseiro.

Na mesma noite tinha também o costume de fincar uma faca na bananeira e, no outro dia, ir ver se o nome do futuro esposo ou esposa aparecia gravado. Uma expectativa amanhecia na lâmina da faca, e para encontrar o amor, a roupa nova já estava no jeito, pronta pra dançar marzuca na latada de chão batido, toda enfeitada com palha de coqueiro e candeeiros

nos cantos, na casa de Dona Constância, onde a festa ganhava alma. Era lá que as rimas improvisadas enchiam a noite de poesia, com os desafios de “chora bananeira” e as cirandas puxadas por Maria de Abrão, que parecia ter nascido pra comandar a roda e as canções daquela noite festiva.

O terreiro se transformava num arraial, enfeitado por bandeirinhas de seda colorida, dançando com o vento. As crianças corriam soltas, brincando de roda, passa-anel, soltando chavinhas e “peido de velha”, rindo como só criança sabe rir — com liberdade e inocência.

No dia seguinte, a gente acordava esperando o vô Manuel Estevam, nosso bacamarteiro, chegar com sua indumentária e seu passo firme. Era ele quem vinha cumprir a tradição: atirar nas cinzas da fogueira, como quem diz que a chama da cultura ainda vive acesa. Depois disso, tinha mais festa, mais comida, e sempre

um almoço gostoso na casa de tia Santinha.

E assim o São João ia passando, feito procissão de alegria, deixando rastro no chão batido e tatuagem na alma. Cresci vendo e vivendo tudo isso, e posso dizer que o São João não foi apenas uma festa — foi escola, foi raiz, foi herança. Está gravado na memória da minha geração como quem leva um retrato antigo dentro do peito. Lembrando da rima pobre de grande riqueza que me deu uma madrinha dia da fogueira de São Pedro.

"São João dormiu, São Pedro acordou... Vou ser sua madrinha, que São João mandou! Bença, madrinha! Deus te abençoe!"





Museu Virtual da Memória de Pesqueira: Convite à Construção Coletiva da História

A partir desta edição, a Academia Pesqueirense de Letras e Artes (APLA), em parceria com seus valorosos membros e com o apoio de colaboradores oriundos dos mais diversos setores da sociedade pesqueirense, inaugura uma nobre iniciativa: a criação de um Museu Virtual da Memória, destinado a preservar e celebrar os fatos históricos que moldaram a trajetória do município de Pesqueira.

Na imagem acima, temos o privilégio de apresentar uma valiosa colaboração do empresário e historiador Mário Paulo, filho do estimado jornalista Severino Melo. Trata-se de um registro fotográfico singular: a visita oficial do então Presidente da República, Jânio Quadros, à cidade de Pesqueira — um acontecimento de notável relevância para a memória política e social da região.

Convidamos, portanto, todos aqueles que guardam em seus acervos particulares fotografias, documentos visuais ou imagens emblemáticas de eventos pretéritos que marcaram a história de nossa terra, a compartilharem esse tesouro conosco. O material será carinhosamente acolhido e poderá ser publicado na seção Memória Virtual do jornal da APLA, perpetuando, assim, a riqueza do nosso passado comum. As contribuições podem ser enviadas para o e-mail: anoticiapesqueira@gmail.com. Vamos, juntos, edificar este templo digital da reminiscência e da identidade pesqueirense.